

Instituto Universitário da Maia - ISMAI

Departamento de Ciências da Educação Física e Desporto



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada

Tiago Miguel Neiva Pinto nº 26789

Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador Institucional

Professora Doutora Fátima Sarmento
Professor Filipe Figueiras



Tiago Miguel Neiva Pinto

nº 26789

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Gomes Sarmiento Chaves do Instituto Universitário da Maia e do Dr. Filipe José Costa Figueiras do Externato Ribadouro.

Setembro, 2020

Pinto, T. (2020). Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Curso de 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Apresentado ao Instituto Universitário da Maia.

Palavras Chave: Educação Física; Prática Ensino Supervisionada; Prática em Contexto; Prática Profissional.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todos os esforços realizados e por tornarem este sonho realidade, sem eles nada disto era possível.

Ao meu irmão João Pinto, por todo o conhecimento e experiência transmitida e por estar sempre do meu lado.

Aos meus amigos de infância, André e Hugo, por todo o companheirismo e fidelidade que sempre nos uniu.

Ao Externato Ribadouro, pela oportunidade de realizar a Prática de Ensino Supervisionada e por toda a compreensão e cooperação.

Ao meu colega de estágio e amigo, André, por todos os momentos de partilha e motivação ao longo do ano.

Ao professor orientador, Dr. Filipe Figueiras, pela partilha de saberes, conselhos, disponibilidade e orientação.

À minha supervisora, Doutora Fátima Sarmento, pela transmissão de conhecimentos e por todos os momentos de orientação e disponibilidade.

Ao grupo de Educação Física, pela hospitalidade e partilha de conhecimentos.

Por último, mas em primeiro, à minha namorada, por todo o apoio.

Resumo

O presente relatório surge como relato e reflexão final da Prática de Ensino Supervisionada, propondo-se descrever detalhadamente todo o trabalho, atividade e o percurso no desenvolvimento do exercício profissional da docência e da sua lecionação, com vista à obtenção de grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pelo Instituto Universitário da Maia.

Este relatório é composto por 6 capítulos: *I. Enquadramento pessoal e profissional*, que está relacionado com a nossa abordagem pessoal ao longo do nosso percurso académico e as minhas expectativas antes do início deste ano letivo; *II. Enquadramento institucional* que se refere à relevância do nosso conhecimento académico no exercício profissional da docência, bem como, a caracterização da escola onde a mesma foi efetuada; *III. Prática profissional: do plano da análise ao de intervenção*, no qual é explanado a organização do processo de ensino, desde o planeamento e realização até à avaliação; *IV: Participação na escola e Relação com a comunidade*, aqui são expostas as atividades realizadas, o contacto com a comunidade escolar, assim como, a componente ético-profissional; *V: Desenvolvimento profissional*, neste capítulo é feita uma reflexão sobre a construção do nosso conhecimento na prática; *VI: Reflexões finais*, onde é feito um balanço de toda a experiência quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

A Prática de Ensino Supervisionada decorreu no Externato Ribadouro, onde me foi possibilitada a lecionação de diferentes anos de escolaridades, 6º ano de escolaridade em conjunto com o meu colega, André Lemos e 11º ano e 12º ano de escolaridade, cujas turmas me acompanharam até ao final do ano letivo.

Palavras-chave: Educação Física; Prática Ensino Supervisionada; Prática em Contexto; Prática Profissional

Abstract

The present report appears as a report and a final reflection of the Supervised Teaching Practice, proposing to describe in detail all the work, activity and the path in the development of the professional exercise of teaching and its teaching, as well as obtaining a Master's Degree in Teaching of Physical Education of Basic and Secondary Education by the Instituto Universitário da Maia.

This report consists of 6 chapters: I. Personal and professional framework, which is related to our personal approach throughout our academic path and my expectations before the beginning of this academic year; II. Institutional framework that refers to the relevance of our academic knowledge in the professional exercise of teaching, as well as the characterization of the school where it was held; III. Professional practice: from the analysis to the intervention plan, in which the organization of the teaching process is explained, from planning and realization to evaluation; IV: Participation in the school and Relationship with the community, here are exposed the activities carried out, the contact with the school community, as well as the ethical-professional component; V: Professional development, this chapter reflects on the construction of our knowledge in practice; VI: Final reflections, where a balance is made of the whole experience, both personally and professionally.

The Supervised Teaching Practice took place at Externato Ribadouro, where I was able to teach different years of schooling, 6th year of schooling together with my colleague, André Lemos and 11th year and 12th year of schooling, whose classes accompanied me until the end of the school year.

Keywords: Physical Education; Supervised Teaching Practice; Practice in Context; Professional Practic.

Lista de Abreviaturas

EE – Estudante estagiário

EF – Educação Física

ER – Externato Ribadouro

ISMAI – Instituto Universitário da Maia

MED – Modelo de Educação Desportiva

MID – Modelo de Instrução Direta

OC – Orientador Cooperante

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

SP – Supervisor Pedagógica

UC – Unidade Curricular

UD – Unidade Didática

Índice Geral

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL.....	2
1. UMA DECISÃO A PARTIR DE UM PERCURSO	2
2. EXPECTATIVAS INICIAIS.....	3
II. ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL	5
1. A IMPORTÂNCIA DA PES	5
2. A PES NO ISMAI	6
3. A ESCOLA COOPERANTE: LUGAR DE PRÁTICA	7
3.1 As turmas	8
4. O NÚCLEO DA PES: ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO PESSOAL, PROFISSIONAL E INSTITUCIONAL.....	9
III. PRÁTICA PROFISSIONAL: DO PLANO DA ANÁLISE AO DA INTERVENÇÃO.....	11
1. ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM.....	11
1.1 Conceção de ensino	11
1.2 Planeamento	14
1.3 Realização	15
1.4 Avaliação	17
IV. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E RELAÇÃO COM A COMUNIDADE	20
1. ATIVIDADES REALIZADAS.....	20
2. FAZER APRENDER PARA LÁ DA SALA DE AULA: IMPACTOS DA MINHA EXPERIÊNCIA E ATUAÇÃO	22
3. SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL E INSTITUCIONAL	22
4. A COMPONENTE ÉTICO-PROFISSIONAL	23
V. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.....	24
1. DIFICULDADES E NECESSIDADE DE FORMAÇÃO CONTÍNUA: UM IMPERATIVO DA PROFISSÃO.....	24
VI. ENSINO À DISTÂNCIA	25
VII. REFLEXÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada (PES) tendo em vista a obtenção de Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pelo Instituto Universitário da Maia (ISMAI).

A PES, estendeu-se ao longo do ano letivo 2019/2020 e decorreu no Externato Ribadouro (ER) situado na Rua de Santa Catarina, no Porto. Este é um estabelecimento de ensino privado, com características e envolvimento muito próprias, o que nos possibilitou trabalhar e melhorar as nossas capacidades, providenciando-nos uma experiência enriquecedora, não só a nível profissional como também a nível pessoal, através da constante partilha de conhecimentos e informações com todos os docentes pertencentes ao ER. A PES é o culminar de toda a informação e aprendizagens adquiridas ao longo dos três anos de licenciatura, bem como os dois anos de mestrado, sendo que o último ano é um período onde serão colocadas em prática um conjunto de aprendizagens teóricas em contexto real e favoráveis à mesma. Pretende-se com este relatório expor todas as vivências e dificuldades superadas ao longo do ano letivo e que foram imprescindíveis na nossa formação enquanto futuros professores de educação física (EF).

Enquanto estudante estagiário (EE) tive a meu encargo, uma turma de 11º ano e outra do 12º ano de escolaridade durante todo o ano letivo, bem como, uma turma partilhada de 6º ano de escolaridade. Todo este processo foi acompanhado diariamente pelo orientador cooperante (OC) nas funções de docência, prática pedagógica e desenvolvimento profissional e supervisionado pelo ISMAI, pela Doutora Fátima Sarmento. Fundamentalmente, este relatório compreende seis capítulos distintos, designadamente no enquadramento pessoal e profissional, no enquadramento institucional, na prática profissional, na participação na escola e relação com a comunidade, no desenvolvimento profissional e por último as reflexões finais. Assim, o presente documento, foi desenvolvido de forma ponderada, consciente e fundamentada, de forma a refletir toda a experiência desenvolvida na PES.

I. Enquadramento pessoal e profissional

1. Uma decisão a partir de um percurso

O desporto e a atividade física, desde muito cedo tiveram um papel preponderante na minha vida. Parafraseando Cardoso, Batista e Graça (2016, p. 524) “cada professor constrói a sua identidade profissional de um modo próprio e singular”, entre outras palavras, desde que me conheço, o desporto sempre fez parte no meu quotidiano, bem antes de ter estabilizado em Portugal, uma vez que sou natural de Genebra, Suíça, e graças ao meu pai sempre foi uma pessoa ativa. Sempre que tinha oportunidade fazia questão de o acompanhar para todas as suas “saídas desportivas”.

O futebol sempre foi a minha paixão, por isso, aos 7 anos os meus pais decidiram colocar-me nesta modalidade que me acompanhou até aos 18 anos. Em simultâneo estive também envolvido na aprendizagem e prática da modalidade de natação. Durante a minha adolescência, a prática de atividade física e desportiva manteve-se presente ao longo do meu desenvolvimento pessoal. As horas livres, praticamente eram passadas na rua, acompanhadas de uma bola de futebol, e quando assim não era possível, a nossa imaginação e destreza ajudavam na criação de jogos que permitiram passar muitos bons momentos que só a recordação alcança. Todas estas experiências permitiram-me adquirir e desenvolver competências e atributos físicos, coordenativos, motores e psicológicos, indispensáveis na assimilação de competências para a prática de qualquer atividade ou modalidade desportiva.

Aos 14 anos, na altura de decidir que curso seguiria no 10º ano de escolaridade, optei pelo Curso Tecnológico de Desporto. O plano curricular deste curso, para além da componente de Formação Geral comum a todos os cursos, apresentava outras disciplinas práticas, relacionadas com a EF que me permitiram conhecer e conviver com outros professores, sendo uma mais-valia para entrar no ensino superior. Sendo assim, em 2014 ingressei no ISMAI, na licenciatura em Educação Física e Desporto. Foram três anos inesquecíveis, onde adquiri conhecimentos e capacidades que me ajudaram imenso na minha formação, principalmente no 3º ano, onde foi possível visitar algumas escolas, falar com diferentes professores e sobretudo conhecer o contexto escolar. Sem hesitar, no ano letivo seguinte frequentei o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, que me possibilitou ter o maior desenvolvimento pessoal e profissional, e encontrar o ambiente que sempre procurei para trabalhar e desenvolver as minhas capacidades como profissional de ensino e como pessoa.

Enquanto professor sinto-me privilegiado por ter a oportunidade de contribuir diretamente no processo de ensino e aprendizagem do aluno, influenciando-os a criar hábitos saudáveis, o gosto pela atividade física e cultura desportiva, entre outras valências.

2. Expectativas iniciais

No âmbito da unidade curricular “Prática de Ensino Supervisionada” do Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentei-me no Externato Ribadouro para o segundo e último ano de mestrado do meu percurso académico. Sendo assim, estava a iniciar o ano mais importante de toda esta minha caminhada. O ano em que toda a minha aprendizagem seria posta à prova através da aplicação de todos os conhecimentos adquiridos ao longo deste tempo de formação académica.

Ao longo dos anos, fui criando expectativas sobre este momento, interrogando-me se seria capaz de lecionar e se os alunos iriam gostar ou comprometerem-se com as minhas aulas. Todas estas agitações e perturbações foram-se intensificando à medida que o início da PES se aproximava. Procurei recolher o máximo de material de apoio para as aulas, livros que pudessem vir a ser necessários, planos de aula, progressões pedagógicas e tudo o que me pudesse orientar neste caminho e assim tranquilizar-me e começar da melhor forma todo este processo complexo que se aproximava.

Durante o período não letivo, tive oportunidade para refletir em todos os cenários possíveis que poderia encontrar no Externato Ribadouro, como seria o ambiente escolar, a estrutura e a sua organização e de como seria diferente de todos os contextos que já tinha presenciado, neste sentido, o momento de mudança levou-me a viver contradições e sentimentos de ambivalência que advêm da duplicidade de papéis de ser professor e, simultaneamente, estudante (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005).

Apesar de todas estas preocupações que foram emergindo, as expectativas eram altas, acreditava que possuía o conhecimento suficiente para ultrapassar as dificuldades e caso acontecesse o contrário iria sempre procurar resolver qualquer barreira que surgisse.

Enquanto EE esperava conseguir criar condições para que os alunos fossem capazes de atingir os seus objetivos, através dos ensinamentos que lhes pretendia transmitir, apoiado em todo o conhecimento teórico e prático que fui adquirindo ao longo da minha formação. E,

também, criar contextos de aprendizagem para atingir os objetivos da disciplina, dando sempre continuidade à progressão do ensino da EF na nossa sociedade.

Como tal, pretendia procurar ter a melhor atitude e postura em todos os momentos, cooperar, estar presente em todas as circunstâncias e absorver todas as aprendizagens que me fossem transmitidas para assim enriquecer o meu percurso e competência.

Esperava conseguir ir ao encontro de todas as exigências que caracterizam um docente e sentir, no final, que toda a experiência fosse aproveitada e que iria conseguir mostrar o meu valor enquanto Professor de Educação Física.

II. Enquadramento Institucional

1. A importância da PES

De acordo com Santos, Batista, Sousa, Gomes e Cunha (2013) O Estágio Profissional representa a fase mais importante dos programas de formação de professores. Esta pode ser considerada como o derradeiro processo de finalização de um ciclo de aprendizagem, onde nos é possibilitado aplicar o conhecimento teórico-prático adquirido até então, através do contacto diário, de forma ímpar, com a prática docente num contexto real de ensino e de supervisão.

Na visão de Caires (2001, p. 118-119), o período de estágio é interpretado, muitas vezes, como “a primeira abordagem do mundo profissional, [...] uma etapa de transição na qual o iniciante tem a oportunidade de aplicar o conhecimento e experiência adquiridos nos bancos da Universidade a um contexto da vida real”. Essa aquisição de conhecimento advém numa dicotomia de pensamento, naturalmente fundamentadas pelas dúvidas e receios, por um lado, e ansiedade e vontade de trabalhar por outro, com a determinação em ser um “bom professor”. Para Nóvoa (2009) existem cinco fatores essenciais que definem um bom professor: o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipa e o compromisso social. O mesmo autor defende ainda que a formação de professores deve ser construída dentro da profissão, isto é, baseada numa combinação complexa de contributos científicos, pedagógicos e técnicos, mas que tem como âncora os próprios professores, sobretudo os professores mais experientes e reconhecidos.

Nesse sentido devo reconhecer o papel do Dr. Filipe Figueiras, meu Orientador Cooperante (OC) e da Professora Doutora Fátima Sarmiento, minha Supervisora Pedagógica (SP) que proporcionaram uma maior e mais diversificada gama de aprendizagens, permitindo a partilha de novas ideias e opiniões, através dos diversos *feedbacks* sobre as nossas ações para que futuramente possamos refletir sobre as mesmas. Assim sendo, é perceptível a importância que a PES tem na integração do EE, no que concerne ao desenvolvimento da prática docente e nas competências inerentes às mesmas, no sentido de corresponder aos desafios e exigências que esta irá ter no futuro.

2. A PES no ISMAI

O ISMAI descreve o curso como sendo, um dos traços mais característicos e marcantes, através de uma proposta formativa que procura responder aos desafios colocados pelo reconhecimento do valor da Educação Física na qualidade das políticas educacionais e desportivas. Assim sendo, a PES deve ser realizada no contexto real de prática, no âmbito da celebração de protocolo entre o ISMAI e a instituição de ensino, onde sejam asseguradas as condições previstas no Decreto-lei nº 79/2014 de 14 de maio.

A PES constitui a inclusão do EE nos contextos de docência, e esta integra a Prática Supervisionada e o respetivo Relatório da Prática de Ensino Supervisionada. A mesma inicia-se antes do começo do ano letivo, imediatamente após a colocação no estabelecimento de ensino com a orientação de um supervisor pedagógico e do orientador cooperante presente na escola. Esta encontra-se sobre a tutela de um documento orientador próprio no qual são exibidas as normas orientadoras que operacionalizam as tarefas a cumprir pelos EEs durante o ano letivo.

Deste modo, todos os EE têm conhecimento dos objetivos para esta unidade curricular, nomeadamente através do artigo 2º do referido documento: "A PES visa a integração do Estudante-Estagiário nos contextos de docência, de forma progressiva e orientada através do desenvolvimento das competências profissionais no âmbito do ensino da Educação Física, em três áreas de desempenho." Neste sentido, o referido documento, pretende analisar o desenvolvimento do EE decorrente de cada área de desempenho.

Na área I - Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem – está contemplada a execução de tarefas de planificação, da execução e da avaliação dos alunos, bem como, o domínio do conhecimento e saberes e o conhecimento dos documentos orientadores e pedagógico.

Na área II - Participação na Escola e Relações com a Comunidade – diz respeito às atividades letivas e não letivas realizadas pelo EE ou núcleo da PES, com vista à sua integração na comunidade escolar.

Na área III - Desenvolvimento Profissional – tem como objetivo a aquisição de competências, enquanto futuro professor de EF, de forma a superar as dificuldades deparadas, consciente de que a formação contínua é imprescindível para o sucesso próprio.

3. A escola cooperante: lugar de prática

A escola cooperante, torna-se no espaço de encontro de cultura dos alunos, dos professores e dos estagiários (Lima, Castro, Cardoso & Resende, 2014).

O ER é uma escola pertencente ao Grupo de Escolas Ribadouro e esta caracteriza-se como sendo um grupo de Instituições de Ensino Privado, mais concretamente Ensino Particular e Cooperativo constituído por três escolas: Externato Ribadouro (Porto), Colégio da Trofa (Trofa) e Externato Camões (Rio Tinto). A PES decorreu no ER, sediado na Rua de Santa Catarina, no coração da cidade do Porto. Possui dois polos de ensino, o Pólo de Santa Catarina e o Pólo do Bonjardim. Esta apresenta um Projeto Educativo Global, sendo este centrado no aluno, visando a otimização das suas competências e tendo como objetivo a valorização pessoal e social, com vista à sua realização académica devidamente orientada e acompanhada nesse sentido. A sua realidade educativa é heterogénea, recebendo alunos das diferentes regiões do norte do país, obtendo uma diversidade cultural enriquecedora.

Este estabelecimento de ensino tem uma oferta educativa que vai desde o Pré-escolar até ao Ensino Secundário, sendo o último o mais procurado, pela boa orientação e acompanhamento que o ER oferece, tendo em vista o ingresso no ensino superior. Neste sentido, foi possível verificar a importância e o tempo que os alunos atribuem à sua formação sem descurarem da prática da atividade física, privilegiando a localização central do ER com uma vasta oferta desportiva nas proximidades, com alguns ginásios, como o Fitness Hut, o Holmes Place na Constituição, Solinca do Estádio do Dragão e Constituição, entre outros. Podemos também encontrar diversos clubes para a prática desportiva, realçando o Académico Futebol Clube, o Clube de Ténis do Porto, o Futebol Clube do Porto na Rua da Constituição, com ofertas nas modalidades de futebol, basquetebol, andebol, voleibol, hóquei em patins, ténis e padel. Deste modo e para que a intervenção na comunidade escolar tenha significado, é necessário ter, antes de mais, um conhecimento aprofundado da escola e das suas características, potencialidades e necessidades (Albuquerque, Resende & Costa, 2013).

Relativamente aos espaços destinados à prática de EF, apenas o Pólo de Santa Catarina apresenta espaços equipados e com dimensões adequados para o efeito. Sendo assim, este possui um pavilhão, para prática das modalidades de basquetebol, voleibol, badminton, ginástica e dança, dois campos exteriores, duas pistas de atletismo e ainda uma zona com três mesas de ténis de mesa. Para além destas instalações, também é utilizado o pavilhão do Académico Futebol Clube para a lecionação das aulas do 12º ano de escolaridade, onde é

possível a prática de diversas modalidades como as referidas acima. Quanto ao material desportivo destinado às aulas, o ER possui equipamento para a leção de diversas modalidades, com material de grande variedade e em quantidade suficiente. A rotação dos espaços é feita de acordo com o *roulement* elaborado pelo coordenador do departamento.

O ER dispõe ainda de atividades extracurriculares, nomeadamente o Clube Ser + que tem como finalidade desenvolver a capacidade física e motora dos alunos, através da aplicação de técnicas de expressão corporal, pilates, ioga, movimento corporal livre e relaxamento, o Clube Júnior, o Clube Ar Livre e o Clube de Patinagem.

3.1 As turmas

Durante o decorrer do ano letivo e após a primeira reunião do núcleo da PES, ficou decidido que ficaria responsável por duas turmas, sendo estas do 11º e 12º ano de escolaridade. Ficou também definido que a turma do 6º ano de escolaridade seria trabalhada em conjunto com o meu colega da PES.

Relativamente à turma A16 do 11º ano de escolaridade, esta era constituída por 18 alunos, sendo 15 rapazes e 3 raparigas e a média de idades apresentava-se nos 16 anos. A generalidade dos alunos da turma eram praticantes de alguma modalidade desportiva extracurricular, nomeadamente Futebol, Ténis, Atletismo, Andebol e Voleibol resultando numa turma bastante competitiva e heterogénia devido à grande disponibilidade motora que apresentavam em resultado das diversas modalidades praticadas. Em relação às modalidades favoritas, a mesma apresentou algumas, como as referidas acima, porém a modalidade com menos eleição foi a ginástica. No que se refere a problemas de saúde, apenas um aluno apresentou dificuldades motoras não tendo feito nenhuma aula durante todo o ano letivo.

A turma A12 do 12º ano de escolaridade, era constituída por 24 alunos, sendo 12 rapazes e 12 raparigas e a média de idades apresentava-se nos 17 anos. Quanto à prática desportiva extracurricular, poucos alunos estavam associados a alguma modalidade. Apenas 4 alunos eram praticantes de Futebol e Atletismo. Quando questionados acerca das suas modalidades favoritas, a modalidade de Futebol foi a mais escolhida, e tal como a turma anterior, a modalidade de ginástica surgiu como a menos preferida. Efetivamente, esta turma apresentava níveis de motivação inferiores às restantes o que exigiu um esforço suplementar durante as aulas.

Quanto à turma A do 6º ano de escolaridade, esta era constituída por 20 alunos, sendo 15 raparigas e 5 rapazes e a média de idades apresentava-se nos 11 anos. Cerca de metade da turma estava associada a alguma prática de atividade física extracurricular, nomeadamente Futebol, Ginástica e Hóquei em Patins. Relativamente às modalidades preferidas, a ginástica foi a mais eleita, ao contrário das outras turmas por mim lecionadas.

4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional

Este ano letivo, o núcleo da PES presente no ER foi formado por mim, pelo André, pelo Orientador Cooperante Filipe Figueiras e pela Supervisora Pedagógica Doutora Fátima Sarmento.

Este revelou-se parte essencial durante esta caminhada, onde todas as partes somadas enriqueceram o coletivo e cada “parte” providenciou princípios e valores distintos que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho e aprendizagens. Neste sentido, o André tornou-se uma peça fundamental para superar as adversidades e dificuldades. Tendo uma relação de amizade desde o primeiro ano de licenciatura, senti-me afortunado por poder contar com ele, por conhecer os seus métodos de trabalho e organização e isso tornou-se numa mais-valia para mim, permitindo uma melhor preparação e planeamento ao longo do ano letivo. No decorrer do mesmo, foram muitos os momentos de observação entre nós e tal relação permitiu uma crítica conjunta sobre todos os momentos positivos e negativos da aula, e desta forma, através de um olhar crítico e reflexivo, permitiu-nos um crescimento pessoal e profissional.

Segundo Cardoso (2014) o núcleo de estágio, aqui designado de Núcleo da PES, formado na atividade docente em contexto de estágio profissional proporciona a partilha de ideias, conhecimentos, experiências, crenças, sentimentos e interesses comuns. Defende ainda que a participação do professor cooperante permite uma participação mais central e mais interativa na exposição de ideias refletindo-se numa maior autonomia e consequente oportunidade de participação. Neste sentido, devo salientar a importância do OC, cuja experiência se revelou um fator chave no decurso de todo o processo, demonstrando toda a exigência envolvida na docência e contribuindo para um ano enriquecedor em experiências e aprendizagens.

Relativamente ao grupo de EF presente no ER este constituiu um espaço privilegiado de aprendizagem, auxiliando em todos os momentos que necessitássemos, providenciando conteúdos e formas de estar com a turma e procurando sempre o nosso sucesso através da

partilha de ideias e conceitos. Com isto, importa também referir a interação com os outros departamentos, na procura do interesse comum “o aluno”, proporcionando diversas atividades organizadas dentro e fora da escola através da interação entre as várias disciplinas como a matemática e o inglês, entre outras que podem ser utilizadas nas aulas de EF. Desta forma, a colaboração nas atividades extracurriculares da escola, bem como, a participação nas preocupações e tarefas da mesma possibilitam aos EE estabelecer relações extensíveis a toda a comunidade escolar, resultando num entendimento mais alargado e integral sobre o que é ser professor de EF (Cunha, Batista & Graça, 2014).

Esta relação existente entre a comunidade escolar e o núcleo da PES foi essencial no nosso desenvolvimento, permitindo superar todos os receios e dificuldades antes esperadas e que foram superadas ao longo do ano letivo.

III. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

1.1 Conceção de ensino

A educação física pode contribuir de forma crucial para o crescimento pessoal dos jovens, através do desenvolvimento da sua consciência física e confiança nas suas capacidades físicas, em simultâneo com um sentimento geral de bem-estar físico, resultando numa maior autoconfiança, responsabilidade, paciência e coragem (Comissão Europeia, 2013).

Lima, Resende e Albuquerque (2012) demonstram a importância da EF e Desporto através da essência global da sua multidisciplinariedade, sendo uma disciplina que serve como base às atividades físicas destinadas à saúde, à educação, aos desportos, à recreação, ao lazer e às competições.

A preparação, o planeamento, a realização e a avaliação fazem parte do processo de lecionação de forma a alcançar todos os objetivos e metas. Neste sentido e para que estas metas sejam atingíveis, o esforço e a exigência têm de estar presentes no ato educativo, implicando esforço pessoal e um desejo intrínseco de conhecimento permanente, consciente sobre a população que vai servir, dos objetivos para os quais vai contribuir e as necessidades e motivações dos diferentes alunos que vai encontrar (Resende & Lima 2016).

De forma a planear o ano letivo, foi realizada uma reunião com todo o departamento de EF com a finalidade de definir quais as modalidades a serem abordadas em cada período e o número de aulas para as mesmas, proporcionando também a apresentação de todos os professores deste mesmo departamento. Posteriormente, a reunião de núcleo da PES possibilitou uma apresentação mais formal de todos os elementos constituintes. Na mesma ficou definido as turmas a lecionar, bem como, a análise dos documentos orientadores fornecidos pelo ISMAI e pela escola, nomeadamente as aprendizagens essenciais, o perfil dos alunos, o plano anual de atividades, o projeto educativo, o regulamento interno e o Programa Nacional de Educação Física (PNEF). Foi possível também compreender o funcionamento dos espaços destinados à EF e de que forma era realizada a sua rotação.

1.1.1 Modelos de Ensino

Segundo Rufino e Souza (2016) a organização do currículo da EF tem sido historicamente relacionada ao ensino dos conteúdos específicos que são vinculados a diferentes matrizes teóricas. No entanto, muitas vezes essas matrizes são ensinadas de uma forma pouco clara, no sentido de desenvolver a organização curricular, objetivos de aprendizagem, formas de avaliação, entre outras questões centrais para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Os mesmos autores dizem que foi necessário criar formas alternativas de compreender o ensino da EF e partir da década de 1980 começaram a surgir, propostas de reformas curriculares. Neste sentido, os modelos de instrução começaram a ser elaborados e desenvolvidos nos mais diversos contextos de atuação e intervenção da prática pedagógica em todo o mundo.

Os modelos de ensino emergem como um instrumento para os professores, de forma a conseguir que os seus alunos alcancem os objetivos traçados inicialmente, de acordo com o PNEF e também com as características da escola, como os objetivos de aprendizagem, o perfil dos alunos, as instalações e o material destinado à prática de EF (Metzler, 2011).

Hastie & Casey (2014), referem ainda que os modelos de instrução podem ser entendidos como um plano coerente e compreensivo para os professores desenvolverem durante a prática pedagógica, tendo como objetivo atingir os resultados de aprendizagem. Posto isto, os modelos são, a Instrução Direta, o Sistema Personalizado para a Instrução, a Aprendizagem Cooperativa, a Educação Desportiva, o Ensino por Pares, o Ensino por Questionamento, os Jogos Táticos e a Responsabilidade Pessoal e Social (Metzler, 2011).

Neste seguimento, procuramos utilizar alguns princípios e características dos vários modelos de ensino, de forma a desenvolver a literacia e o entusiasmo dos alunos nas aulas. Ao longo do ano letivo, o Modelo de Instrução Direta (MID) e o Modelo de Educação Desportiva (MED), foram os utilizados na lecionação das aulas, porém houve uma preponderância na utilização do MID.

Na opinião de Rufino e Souza (2016), o MID é caracterizado por centrar o professor no processo de ensino e aprendizagem. Ele também é o responsável por fazer e implementar todos os conteúdos, tarefas, instruções, tomadas de decisão e gestão das unidades didáticas. Neste modelo o ponto central é oferecer aos alunos o maior número possível de repetições das tarefas e habilidades de forma a que os professores observem os alunos e lhes ofereçam o feedback adequado.

Este é o modelo de ensino eleito e mais empregue pelos professores de EF na escola e ao longo do ano letivo foi perceptível a dependência dos alunos na instrução do professor e na tomada de decisão, adotando, por vezes, um papel passivo e com pouca autonomia.

De forma a criar algum impacto nos alunos e no nosso desempenho no ER, decidimos após reunião com o OC, utilizar o MED no segundo período com as turmas do 12º ano de escolaridade, na unidade didática de Voleibol. No que diz respeito a este modelo concebido por Daryl Siedentop na década de 1980, o aluno é colocado no centro do processo de ensino e aprendizagem (Araújo, 2017). O mesmo surge da necessidade das aulas de EF serem revestidas de um ambiente de ensino e aprendizagem com características do desporto federado, adotando estratégias mais implícitas e menos formais quando comparado com outros modelos usualmente utilizados no contexto escolar. A unidade didática é substituída por uma época desportiva, ao qual, é concedido aos alunos maior responsabilidade e autonomia na organização e gestão da atividade. No decorrer da época desportiva os alunos não só aprendem a jogar, como a desempenhar papéis distintos, nomeadamente, treinadores, capitães, árbitros, estatísticos, entre outros. Este foi desenvolvido com o intuito de oferecer experiências desportivas genuínas e educacionalmente prósperas, de forma a elevar a competência e performance dos alunos, através da compreensão tática e aplicação de estratégias, elevar a sua literacia, através do entendimento dos valores e tradições do desporto e entusiastas, de forma a valorizar a cultura desportiva (Pereira, Mesquita, Araújo, & Rolim, 2013).

Para a aplicação deste modelo, e após discussão dos objetivos e características do mesmo em reunião com o OC, foi necessário a sua adaptação ao contexto escolar. O modelo indica diferentes funções e desempenhos para os alunos, como referido acima, porém apenas foi utilizado o “papel” de capitão/treinador nas equipas e em cada aula este era atribuído a um novo aluno. As equipas foram realizadas por nós e tentamos que estas fossem homogéneas e que dentro dos grupos estas tivessem alunos com diferentes níveis de aprendizagem.

A primeira hora da aula era utilizada para as equipas treinarem e a segunda hora era destinada à competição. O capitão/treinador era responsável por transmitir à sua equipa o que ia ser realizado, sendo que essa instrução era dada por nós ao capitão/treinador previamente, que, por sua vez, transmitia aos colegas de equipa. Durante a utilização do MED, assumimos uma função de supervisor das atividades e a nossa intervenção foi efetuada apenas em aspetos que necessitassem mais cuidado ao nível do ensino, visto que a autonomia e tomada de decisão por parte dos alunos é um dos objetivos essenciais deste modelo.

Através da utilização deste modelo de ensino os alunos revelaram maior comprometimento e sentido de responsabilidade na realização das tarefas de aprendizagem que conseqüentemente incrementou o seu entusiasmo e motivação na participação.

1.2 Planeamento

O planeamento está assente no plano anual e este representa uma perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e com as pessoas envolvidas, com o objetivo de orientar o processo de ensino ao longo do ano (Bento, 2003). Neste sentido, uma das primeiras tarefas realizadas no que concerne ao planeamento foi a elaboração do plano anual, de acordo com o PNEF e com as orientações do grupo de EF, de forma a estabelecer metas e dar progressão às aprendizagens adquiridas pelos alunos, servindo também como alicerce para a construção do planeamento das unidades didáticas.

Segundo Bento (2003, p. 75), “as UD são partes essenciais do programa de uma disciplina, pois constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico”, sendo que as mesmas, foram estruturadas de acordo com as aprendizagens essenciais e com as características do ER, como as instalações e os materiais existentes, bem como, os seus alunos. Desta forma, as UD foram um contributo importante na preparação das aulas, podendo olhar para as mesmas como uma espécie de “guia” à atividade docente. Posto isto, ficou definido que no primeiro período seriam lecionadas as modalidades de Basquetebol, Andebol e Ginástica, no segundo período, Futebol, Voleibol e Atletismo e no terceiro período, Badminton e Dança para o 3º ciclo e secundário, Patinagem e Dança para o 2º ciclo. De forma a dar continuidade ao planeamento das UD, foi realizada a avaliação diagnóstica no momento inicial da mesma, para compreender o nível em que se encontravam os alunos face aos conteúdos a lecionar.

O planeamento das UD proporcionou-nos a orientação necessária para uma eficácia pedagógica e, apesar de estas estarem definidas, nem sempre foi possível cumprir com as mesmas tendo em conta a evolução dos alunos, sendo necessário repensar os conteúdos de forma a dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem. Para Nóvoa (2009, p. 12), “o trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem”. Estas práticas docentes requerem uma multiplicidade de tarefas e ações organizadas de forma a interagir com o que foi projetado inicialmente, porém, “a aula é realmente o verdadeiro ponto de convergência de pensamento e da ação do professor” como refere Bento (2003, p. 101). Desta forma a preparação da aula mostrou-se relevante no seu

desenrolar, essencial na participação e motivação dos alunos nas tarefas da mesma. Neste sentido, o plano de aula revelou-se imprescindível relativamente ao planeamento, sendo uma ferramenta de apoio que nos faz passar do pensamento para a ação, da criação para a realização.

Procurei organizar os meus planos de aula com uma estrutura clara e lógica, fundamentados com a experiência adquirida ao longo do meu percurso académico, dividindo os mesmos em três momentos, parte inicial, fundamental e final. A parte inicial, correspondia ao controlo das presenças da turma, servindo também para fazer um ponto de ligação com a anterior, bem como, à ativação geral; a parte fundamental e final de aula eram destinados ao desenvolvimento e operacionalização dos objetivos gerais e específicos. A planificação das aulas foram sempre pensadas com base em todos os fatores intrínsecos e extrínsecos à aula, sendo que, ao longo do tempo o nosso conhecimento relativamente a estes foram ampliando, refletindo-se numa resposta mais rápida e segura aos problemas.

Durante o ano letivo foram várias as adaptações relacionadas com o *roulement* e com o material desportivo disponível, sendo necessária uma comunicação constante com todos os professores que em simultâneo tinham aula. As condições climatéricas mostraram-se ser o maior obstáculo, pois o ER dispõe de um pavilhão com dimensões inferiores às habituais, sendo, em dias de chuva, por vezes partilhado por três turmas, resultando numa alteração completa no plano de aula e na modalidade a lecionar.

Em todos os momentos finais da aula era feita uma reflexão crítica com o OC acerca dos aspetos mais importantes e relevantes. Esta análise permitiu-nos consciencializar sobre o trabalho desenvolvido, sendo que mais tarde era entregue a reflexão individual. A observação de aulas, do colega EE e do OC, foi também essencial no nosso desenvolvimento e uma constante ao longo do ano contribuindo para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

1.3 Realização

1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica

No que se refere à realização, entendo o mesmo como uma transição entre a teoria e a prática. Nesta fase verifica-se a aplicação do conhecimento adquirido e do planeamento realizado para o contexto real, dividindo o mesmo em quatro dimensões da intervenção pedagógica, a Instrução, a Gestão, a Disciplina e o Clima de aula.

Segundo Aranha (2004), a dimensão instrução tem por âmbito todos os comportamentos e destrezas técnicas de ensino que fazem parte do reportório do professor para comunicar informação pertinente.

Podemos afirmar que a comunicação, ao longo do ano letivo, foi essencial para a lecionação. Procurei sempre uma mensagem clara e objetiva, sem nunca descuidar da utilização da terminologia específica da disciplina, de forma a explicar os objetivos de aula e também aumentar o tempo útil da mesma. Utilizei maioritariamente a fase inicial da aula para esta dimensão, despendendo mais tempo no início de maneira a evitar o maior número de paragens durante a mesma. Esta estratégia está também relacionada com o funcionamento das aulas no ER, onde havia várias aulas ao mesmo tempo e em simultâneo o intervalo dos alunos de outras turmas.

Ao longo do ano letivo fomos percebendo a importância do *feedback* e qual a forma mais correta de o utilizar, adaptada a cada momento e ao conhecimento que íamos tendo sobre o aluno, conseguindo entender quais as melhores circunstâncias para emitir um *feedback* individual ou coletivo, assim como, avaliativo, descritivo, prescritivo, entre outros. Outro fator que se foi revelando crucial e diferenciador era o conhecimento dos conteúdos que iríamos abordar, que pessoalmente, quanto maior ele fosse, maior era a segurança transmitida aos alunos resultando numa melhor comunicação que por sua vez aumentava a atenção dos mesmos. Naturalmente, o meu conhecimento em relação às modalidades não é homogêneo, porém, ao longo do ano fiz diversas pesquisas de forma a aumentar o mesmo. Neste sentido, a reflexão foi essencial, de modo a incrementar o conhecimento, pois através da mesma temos a oportunidade de refletir na própria atuação, de perceber as lacunas e reconstruir a forma de atuar.

No que diz respeito à dimensão gestão, esta apresenta-se como fundamental para a rentabilização do tempo efetivo de aula, através de diversas ações e estratégias. Durante o ano letivo procuramos sempre estratégias que promovessem esta rentabilização, nomeadamente: exigir o cumprimento dos horários aos alunos, mostrando exigência quanto à pontualidade, de forma a não atrasar o início da aula; organizar os grupos de trabalho antes da aula; atribuir coletes durante a ativação geral; criar sistemas de rotação rápidos e rotineiros; montar todo o equipamento necessário à aula antes de esta iniciar-se; saber se algum professor iria necessitar do nosso espaço e material; criar códigos sonoros, através do apito, entre outros. A utilização do MED, na turma do 12º ano, foi também uma das ferramentas/estratégias utilizadas e através desta conseguimos obter o maior tempo de empenhamento motor comparando com as outras turmas. Algumas destas estratégias foram sendo adquiridas ao longo da nossa formação, outras

foram conseguidas através da percepção das exigências que os alunos imponham, tendo sido importante perceber quais eram as que se adaptavam melhor a cada caso.

Relativamente à dimensão disciplina, nunca ocorrem acontecimentos graves de indisciplina, apenas aqueles casos pontuais e habituais dos alunos, algo que rapidamente era resolvido através do diálogo. Esta dimensão era a que mais me inquietava e, desde o início, procurei ter uma postura rígida, garantindo que as regras transmitidas, fossem cumpridas. Porém, ao longo do tempo, e após os alunos compreenderem quais eram os limites possíveis, fui adotando uma postura mais flexível e empática, acreditando que ser professor é mais do que ser um agente de ensino e a relação próxima que conseguimos conquistar com os alunos pode ser a diferença entre o sucesso e o não sucesso, assim como, o ambiente da aula. Neste sentido, chegamos à dimensão clima que está diretamente relacionada com o ambiente da aula, como referido acima. Ao longo do ano letivo, tentamos sempre manter os alunos motivados, quer os mais capacitados, quer os que tinham mais dificuldades, moldando o diálogo a cada aluno e situação, e através desta relação próxima que fomos conquistando, conseguimos manter um clima positivo, essencial ao desenvolvimento dos alunos.

1.4 Avaliação

A avaliação é o conjunto de processos que visa o acompanhamento regulador das aprendizagens desejadas, integrando a verificação da sua conceção (Roldão, 2008). Neste sentido, a avaliação teve um fator determinante no processo de ensino e aprendizagem, permitindo traçar os objetivos de forma adaptada e ajustada às características dos nossos alunos, através da coleta de dados e informações que a avaliação concede e que são essenciais para a tomada de decisões ou alteração da mesma.

No início de cada UD efetuou-se a avaliação diagnóstica que para Aranha (2004), é através desta avaliação (inicial) que se definem os objetivos, estratégias e metodologias para iniciar o processo de ensino e aprendizagem, permitindo identificar o nível inicial dos alunos. Como forma de realizar esta avaliação, escolhemos o jogo, por este conter a maior parte das matérias a serem abordadas, através de uma grelha sistemática de verificação, realizada pelo grupo de EF, que posteriormente era registado o nível de desempenho dos alunos. Desta forma, a avaliação diagnóstica permitiu-nos avaliar o nível inicial dos alunos e identificar os diferentes níveis de aprendizagem dentro da turma. Permitiu-nos também recolher diversas informações acerca das características da mesma, sendo um auxílio para a intervenção pedagógica.

Para Araújo e Diniz (2017), a avaliação formativa possibilita recolher informações que permitam fazer um balanço das aprendizagens conseguidas e/ou recolher evidências que permitam estruturar, planejar e regular as aprendizagens futuras. A utilização desta ferramenta viabilizou o ajuste do processo de ensino e aprendizagem, concedendo informações relevantes para a construção e alteração do mesmo processo. Possibilitou também ter uma perspectiva da qualidade do ensino, através do momento reflexivo intrínseco a esta avaliação, que nos permitiu tomar consciência e analisar as nossas escolhas, de forma a produzir efeitos na melhoria da aprendizagem. Nesta perspectiva, a observação demonstrou ser um elemento chave na avaliação formativa e também um contributo importante para a qualidade do *feedback* emitido.

Por fim, chegamos à avaliação sumativa que para Araújo e Diniz (2017), as evidências têm de ser interpretadas com referência a critérios de avaliação, iguais para todos os alunos, de forma a poder fazer um balanço sobre as aprendizagens dos alunos e divulgar informações sobre o seu desempenho. Assim, na última aula de cada UD, foi realizada a avaliação sumativa, observando o resultado alcançado com o objetivo de quantificar o desenvolvimento dos alunos.

No ER, no que respeita a esta avaliação, a mesma tem como base os domínios cognitivo (20% da avaliação), psicomotor (40% da avaliação) e atitudinal (40% da avaliação). Estes domínios são os que permitem obter a classificação final do período.

Durante o primeiro e segundo períodos, no que se refere ao domínio cognitivo, os alunos foram avaliados através do questionamento em aula, avaliando o seu conhecimento acerca da modalidade e do regulamento da mesma, porém no terceiro período e devido ao ensino à distância, esta avaliação foi realizada através do preenchimento de um questionário online, atribuindo uma classificação neste domínio através do resultado obtido. Relativamente ao domínio psicomotor, este foi dividido entre as atividades físicas, que correspondia a 35% e a aptidão física, que correspondia a 5% da avaliação. As atividades físicas foram avaliadas através de grelhas sistemáticas que continham os conteúdos contemplados no planeamento das UD. A avaliação da aptidão física foi realizada através dos testes de aptidão física, fornecidos pela plataforma FITescola, que incluíam o teste de força abdominal, o teste da milha e o teste de flexibilidade dos ombros e membros inferiores. Por fim, o domínio atitudinal, dividiu-se pela responsabilidade e cooperação com uma percentagem na classificação final de 20%, cada uma. A assiduidade/pontualidade, o material e o empenho estavam representadas na responsabilidade, o respeito/cooperação, o sentido crítico e a identificação de problemas e apresentação de soluções estavam representadas na cooperação.

Na última semana de aulas de cada período foi fornecido aos alunos uma ficha de autoavaliação que possibilitou aos mesmos refletirem sobre o trabalho realizado até ao

momento, atribuindo uma classificação, assim como, a possibilidade de se expressarem relativamente aos aspetos positivos e negativos ou sugerindo alguma alteração à lecionação e à forma como tudo estava a decorrer.

Todo este processo avaliativo foi sendo aprimorado ao longo do tempo, inicialmente encontramos algumas dificuldades na prontidão da recolha de informação, porém, conseguimos que este se tornasse mais célere, aumentando a nossa capacidade de observação e organização.

IV. Participação na escola e Relação com a comunidade

1. Atividades realizadas

Foram várias as atividades em que estivemos envolvidos ao longo do ano que nos ajudaram imenso na integração com a comunidade escolar e conseqüentemente no desenvolvimento profissional. O ER procura oferecer aos alunos uma grande variedade de experiências e atividades, nas quais estivemos envolvidos de forma direta, através da organização de eventos realizados e indireta, através do acompanhamento dos alunos aos locais, e que, de certa forma, possibilitou-nos a oportunidade de conhecer e experienciar novas perspectivas.

Ao longo do ano letivo tivemos a oportunidade de acompanhar os alunos a diversas visitas de estudo, nomeadamente à Alfandega Régia - Museu de Construção Naval e Nau Quinhentista, em Vila do Conde, organizada para as turmas do 8º ano; Visita ao Palácio Nacional de Mafra, organizado pelos professores da disciplina de Português, destinado aos alunos do 12º ano de escolaridade; Visita ao Circo no Coliseu, destinada aos alunos do 5º e 6º ano de escolaridade, com a finalidade de assistirem ao Circo de Natal, no Coliseu do Porto; Saída de Campo, que consistia numa saída exploratória pelo centro histórico do Porto, no âmbito do Projeto de Integração de Conhecimento.

“Parque da Cidade 2019”, foi a primeira atividade em que estive envolvido na organização, tal como, o grupo de EF. Realizou-se no Parque da Cidade do Porto, destinada a todos os alunos, pais e professores do ER. Esta atividade consistiu na realização de cinco jogos/estações por equipas e no final era encontrada a equipa vencedora. O grupo de EF ficou responsável pela organização deste evento.

O Halloween foi também uma das atividades dinamizadas pelo grupo de EF, através da organização de jogos tradicionais relacionados com a temática. Esta data foi sempre celebrada pelo ER e as suas instalações foram decoradas com adereços e objetos alusivos à temática.

Outra data também celebrada pelo ER é o São Martinho, ao qual foi organizado um magusto para os alunos. O grupo de EF ficou responsável pela organização de diversas estações de percursos com obstáculos, destinadas ao 1º ciclo.

A modalidade de Basquetebol foi abordada no primeiro período e o grupo de EF proporcionou um workshop de basquetebol aos alunos do 1º, 2º e 3º ciclo. A equipa profissional do Maia Basket Club e o seu treinador foram convidados a deslocarem-se às instalações do ER

com a finalidade de promover a modalidade e proporcionar aos alunos o contacto direto com os jogadores, que realizaram alguns exercícios com o apoio dos professores de EF.

No final do primeiro período realizamos o nosso evento anual – “Street Basket Ribadouro”. Esta atividade consistiu na realização de um torneio de basquetebol, destinado aos alunos do 9º ano de escolaridade e ensino secundário, no qual participaram os três colégios pertencentes ao Grupo de Escolas Ribadouro. Desta forma, os EE ficaram responsáveis por toda a organização e logística inerente ao bom funcionamento do torneio, realizado no Pavilhão Académico Futebol Clube.

O Carnaval, a par com o Halloween, é uma das datas mais celebradas pelo ER. Neste dia, todos os alunos e professores mascararam-se a rigor. De forma a acompanhar toda a festividade, o grupo de EF organizou um baile de máscaras para toda a comunidade escolar. Esta foi a última atividade presencial devido à pandemia do COVID-19.

O ER dispõe aos alunos a oportunidade de participarem em algumas atividades extracurriculares, como o caso do clube de patinagem, ao qual nós fomos integrados. Este clube pretendia desenvolver as capacidades em relação a esta modalidade e decorria à sexta-feira, das 17:30h até às 19:00h. A integração neste clube foi um enorme desafio, porque os meus conhecimentos e experiência em relação à modalidade eram inexistentes e tive a necessidade de realizar diversas pesquisas, de forma a que a minha passagem tivesse algum impacto.

No final do ano letivo, realizamos o seminário pedagógico, onde foram abordados diferentes temas, como a atividade física, o sedentarismo, a obesidade e a nutrição. Esta apresentação foi diferente em relação aos anos anteriores e tivemos de ter em conta a situação atual e de ensino à distância. Esta foi realizada a partir de casa e utilizamos a plataforma “Teams” como ferramenta de apresentação, destinada à turma do 12º ano de escolaridade do André. Apesar da forma peculiar de como foi feito, esta superou bastante as minhas expectativas. Os alunos mostraram-se bastante interessados nas temáticas e o diálogo foi constante durante a apresentação que possibilitou uma boa dinâmica entre nós e os alunos.

Para a escolha do nosso Projeto de Intervenção, tivemos em consideração a envolvimento do ER na promoção de saúde e bem-estar e, conseqüentemente, decidimos adotar uma postura proactiva na implementação e manutenção de comportamentos de vida saudáveis. Neste sentido, o “Family in Move Program” foi o que melhor se adequou a estas características, e assim, foi o projeto escolhido para ser desenvolvido no ER. Para o desenvolvimento deste projeto foram realizados questionários aos alunos e pais, testes de coordenação motora, assim como, os testes de avaliação antropométrica. Todo este procedimento e resultados foram apresentados posteriormente no seminário pedagógico.

2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

No ER, toda a comunidade escolar tem uma relação próxima, nomeadamente entre os professores e os alunos. Neste aspeto sentimos alguma admiração, pelo facto do nosso trajeto escolar ter passado sempre pelo ensino público e de esta ser inexistente, e neste sentido, a comunicação entre nós e os alunos foi uma constante em contexto fora de aula.

Toda esta envolvência que a comunidade escolar partilhava, promoveu a nossa integração, e ajudou-nos a compreender o funcionamento da instituição escolar e essencialmente, na relação com outros professores mais experientes, que através do diálogo nos transmitiram imensas aprendizagens, tal como Nóvoa (2009) refere “Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão e aprender com os colegas mais experientes.” Estas particularidades foram sendo fomentadas através de todas as atividades referidas no ponto anterior e que ao longo do tempo se refletiu positivamente na nossa passagem.

Ao longo do ano procuramos criar algum impacto junto dos nossos alunos, através do nosso conhecimento e experiências adquiridas como professores de EF, promovendo a saúde e bem-estar, implementando comportamentos de vida saudáveis e a importância que a participação ativa tem nas aulas de EF. Procurei também ser um bom modelo para eles e para isso adotei uma postura cordial e educada, respeitando sempre os meus compromissos e honrando esta nobre profissão.

3. Socialização profissional e institucional

A socialização foi determinante na integração escolar. Possibilitou o conhecimento e partilha de novas ideias e conceitos, através do contacto diário com professores de diferentes áreas de ensino e que foram essenciais à minha formação. O grupo de EF, caracterizado pela entreajuda e camaradagem, mostrou-se sempre prestável a todas as necessidades que tivéssemos e foram fulcrais na nossa integração com a comunidade escolar.

O OC, Professor Filipe Figueiras, não só teve um papel fundamental no desenvolvimento de conhecimentos e competências, mas também na nossa integração, pela forma como fomos recebidos e pela prontidão em que nos apresentou a toda a comunidade escolar, desde o porteiro, até à diretora do ER.

Em relação ao meu colega EE, houve sempre uma relação de colaboração e partilha mútua dos conhecimentos e experiências, que facilitou todos os processos intrínsecos à lecionação.

4. A componente ético-profissional

Assumir a ética profissional como forma de estar na profissão significa ter compreendido a função social do trabalho, porém quando falamos sobre a prática docente esta ganha um novo atributo, o da responsabilidade frente ao sucesso escolar do aluno, já que define um ideal de serviço humanístico (Macedo & Caetano, 2020). Ser professor, exige um cuidado maior, pois este é visto como um modelo a seguir e, por vezes, o comportamento do professor é o reflexo no comportamento dos alunos e quando falamos em comportamento, referimo-nos às atitudes, aos valores e às convicções que podem influenciar os alunos.

Neste sentido, o ER tem uma preocupação acrescida no contributo para a formação e educação dos seus alunos, de forma a contribuir para uma sociedade mais humanista. Assim, são exigidas aos professores determinadas características pessoais, de forma a cumprirem com a missão da escola, com as quais me senti completamente identificado. Considero que, para além da contribuição nas aprendizagens, também participei no desenvolvimento da personalidade dos alunos enquanto cidadãos, valendo-me da relação próxima que existe entre os alunos e os professores.

V. Desenvolvimento profissional

1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

O conjunto de conhecimentos necessários à atuação docente em diferentes âmbitos de ensino e aprendizagem são construídos e reconstruídos constantemente pelo professor e pelo futuro professor durante a formação inicial e ao longo de toda a carreira docente (Marcon, Amândio, & Vieira, 2013). Podemos olhar para o conhecimento como uma necessidade de formação contínua, de forma a criar contextos de aprendizagem relevantes para os alunos e ao desenvolvimento profissional durante a carreira docente.

Para Marcelo (2009), o desenvolvimento profissional é considerado como um processo a longo prazo, no qual se integram diferentes tipos de oportunidade e experiências, de forma a promover o crescimento e desenvolvimento docente. A PES contribuiu, em larga escala, para a minha formação inicial enquanto professor, concedendo a experiência em contexto real de ensino, que por sua vez deu-me a oportunidade de mobilizar os conhecimentos adquiridos para a prática. Neste sentido, tivemos a oportunidade de estar por dentro dos processos de planeamento, realização e avaliação e da imprevisibilidade destes mesmos processos, percebendo que não era um sistema fixo, ou seja, nem sempre o que planeamos é o que fazemos. Porém, ao longo do tempo fomos refinando estes processos, através de adaptações rápidas, decorrentes da procura de soluções e que estão diretamente relacionadas com o momento reflexivo. A reflexão sobre a prática foi essencial ao nosso crescimento, ajudando-nos a colmatar as lacunas existentes em aula, percebendo onde estávamos a errar, o que precisávamos de melhorar e quais os mecanismos necessários para tal.

Acredito que a aprendizagem é um processo contínuo, que se vai adquirindo ao longo da carreira docente e a procura pelo conhecimento deve ser constante, como forma de atingir o sucesso no ato de ensinar, tal como Marcelo (2009) afirma, “é necessário que se compreenda que a profissão docente e o seu desenvolvimento constituem um elemento fundamental e crucial para assegurar a qualidade da aprendizagem dos alunos”.

VI. Ensino à Distância

Este ano letivo, devido à pandemia por COVID-19, foi necessário realizar alguns ajustamentos relativamente à disciplina de EF. Neste sentido, tivemos que alterar o planeamento das aulas e a realização das mesmas. As aulas de EF têm uma forte componente prática e procuramos que esta se mantivesse, apesar de transmitirmos aos alunos os conteúdos associados às modalidades, tiveram de ser feitos ajustes nos conteúdos relativos à prática.

As aulas de EF requerem movimento constante e diversos equipamentos associados à prática, como um pavilhão gimnodesportivo ou um trampolim e neste sentido foi necessário ter em atenção as possibilidades e necessidades de cada aluno. Ficou então decidido que as aulas iam ser direccionadas para a aptidão física, de forma a promover a saúde e o bem-estar físico e psicológico dos alunos. Para esta nova realidade, foi-nos dada toda a autonomia para liderar o processo de ensino e aprendizagem.

Visto que as aulas foram direccionadas para a aptidão física, tivemos que ter um planeamento pensado na motivação dos alunos e neste sentido procuramos diversificar os exercícios e a forma como os mesmo eram realizados, visto estarmos privados do que é essencial, o contacto físico. O tempo de aula foi reduzido e neste sentido foi mais fácil manter os alunos focados em aula e apesar de todos os constrangimentos associados ao ensino à distância, conseguimos que os alunos se mantivessem empenhados e motivados na prática. Ficou também decidido que, no início de cada aula, transmitiríamos os conteúdos teóricos associados às modalidades que iriam ser abordadas nesse período. Como forma de consolidar estes conteúdos teóricos, foram utilizados questionários online e usamos a competição de maneira a aumentar os níveis de motivação dos alunos.

Independentemente das limitações associadas ao ensino à distância esta experiência foi mais uma valência para o nosso percurso, pela imprevisibilidade daquilo que poderia ser e pelo que hoje podemos fazer.

VII. Reflexões finais

Este ano letivo, ficou marcado por ser o ponto mais alto de todo o meu percurso acadêmico e que certamente ficará marcado na minha memória. Foi um caminho longo, com alguns contratemplos, sensações menos positivas e muitas conquistas destacando o sentimento de missão cumprida onde todo o esforço valeu a pena.

É inequívoco dizer que esta experiência contribuiu profundamente para a minha evolução profissional e pessoal. Toda a responsabilidade inerente à profissão, obrigou-me a crescer enquanto pessoa, pela responsabilidade que temos sobre os alunos na transmissão de valores e atitudes e por todo o processo de ensino e aprendizagem associado. Processo esse, tantas vezes mencionado, advém de imensos conhecimentos específicos e de estratégias pedagógicas que antecederam esta etapa e que proporcionaram o conhecimento e a competência para o fazer. Nesse sentido o ISMAI foi determinante para o mesmo, permitindo uma melhor integração no ato de lecionar. Sem dúvida, que a ideia inicial daquilo que era ser docente e de todas as responsabilidades inerentes à profissão foram completamente alteradas. A docência é uma atividade verdadeiramente exigente e complexa e que carece de formação contínua, de forma a sermos mais competentes e inovadores.

Ao longo do ano tentei sempre ter algum impacto junto dos alunos, transmitindo a importância de estilos de vida saudáveis, assim como, das aulas de EF e, neste sentido, procurei manter os alunos motivados para a prática, obrigando-me sempre a perceber quais eram os seus interesses e preocupações, através de uma ligação próxima que existia com estes.

Neste momento, consigo perceber a minha evolução enquanto professor, consigo perceber a importância de todas as aprendizagens adquiridas ao longo do ano, consequência das diversas reflexões, partilhas e discussão de ideias e que foram fundamentais para ultrapassar todos os momentos menos conseguidos.

Tal como referi anteriormente, a disciplina de EF necessita de formação contínua, de estratégias pedagógicas e de intervenções inovadoras para que o processo seja cativante, motivante e envolvente, de forma a acompanhar as constantes mudanças das gerações e da sociedade. É este o caminho que me conduz, ser um bom professor de EF e fazer aquilo que mais desejo.

VIII. Referências bibliográficas

- Albuquerque, A.; Graça, A.; Januário, C. (2005). *A Supervisão Pedagógica em Educação Física – A perspectiva do orientador de estágio*. Lisboa, Livros Horizonte.
- Albuquerque, A., Resende, R., & Costa, M. (2013). A avaliação da prática de ensino supervisionada no Instituto Superior da Maia. Nós fazemos assim. E vós? *Cadernos de Educação|FaE/PPGE/UFPel*, (46), 119-137.
- Aranha, A. (2004). *Organização, Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Araújo, F., & Diniz, J. A. (2017). Hoje, de que falamos quando falamos de avaliação formativa? [Versão eletrónica]. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 0(39), 41-52. Consult. 20/05/20, disponível em <https://boletim.spef.pt/index.php/spef/article/view/271>.
- Araújo, R. (2017). A aprendizagem dos alunos e as dinâmicas operantes no seio das equipas no Modelo de Educação Desportiva: Evidências da investigação e direções futuras. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 2017, 39-49.
- Bento, J. O. (2003). *Planeamento e avaliação em Educação Física* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Caires, S. (2001). *Vivências e percepções do estágio no Ensino Superior*. Minho: Grupo de Missão para a Qualidade do Ensino Aprendizagem, U.M..
- Cardoso, I., Batista, P., & Graça, A. (2016). A identidade do professor de Educação Física: um processo simultaneamente biográfico e relacional. *Movimento*, 22(2), 523-538.
- Cardoso, M. (2014). *A (re)construção da identidade profissional do estagiário de educação física em comunidade de prática*. Porto: *Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto*. Porto: M Cardoso. Dissertação de doutoramento apresentada a FADEUP.
- Comissão Europeia (2013). *A Educação Física e o Desporto nas Escolas na Europa. Relatório Eurydice*. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.
- Cunha, M., Batista, P., & Graça, A. (2014). Um olhar sobre o estágio em educação física: Representações de estagiários do ensino superior público português. In P. Batista, P. Queirós & A. Graça (Eds.), *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em educação física* (pp. 143-179). Porto: FADEUP.
- Hastie, P., & Casey, A. (2014). Fidelity in Models-Based Practice Research in Sport Pedagogy: A Guide for Future Investigations. *Journal of Teaching in Physical Education*, 3(3), 422-431.
- Lima, R., Castro, J., Cardoso, S., & Resende, R. (2014). A Prática de Ensino Supervisionada: As dificuldades dos estudantes estagiários. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, (5), 68-74. Zabalza (Eds.), *Ensino superior: inovação e qualidade na docência* (pp. 1261-1280). Porto: CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativa.

- Lima, R., Resende, R., & Albuquerque, A. (2012). A importância que os alunos atribuem às aulas de educação física no Ensino Básico N.º 2 e 3 nos concelhos da Maia e Viana do Castelo. In B. O. Pereira, A. N. Silva, & G. S. Carvalho (Eds.), *Atividade Física, Saúde e Lazer - O valor formativo do jogo e brincadeira*. (pp. 169-179). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança.
- Macedo, S., & Caetano, A. (2020). A formação ética profissional docente: significados, trajetórias e modelos. *Revista Exitus*, 10(1), e020028.
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. *Sísifo/revista de ciências da educação*(8), 7-22.
- Marcon, D., Amândio, G., & Vieira, J. (2013). O conhecimento do contexto na formação inicial em Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 27, 633–645.
- Metzler, M. W. (2011) *Instructional models for physical Education* (Third edition ed.). Scottsdale: Holcomb Hathaway.
- Nóvoa, A. (2009). Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa.
- Pereira, J. A., Mesquita, I., Araújo, R., & Rolim, R. (2013). Estudo comparativo entre o Modelo de Educação Desportiva e o Modelo de Instrução Direta no ensino de habilidades técnico-motoras do Atletismo nas aulas de Educação Física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 13(2), 29-43.
- Resende, R., & Lima, R. (2016). Relação professor de educação física e alunos: Teoria, investigação e intervenção. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, A. A. Machado, A. R. Gomes, G. Couto, & V. Cassep-Borges (Eds.), *Relações interpessoais concepções e contextos de intervenção e avaliação* (pp. 133-153). São Paulo, Brasil: Vetor Editora.
- Roldão, M., (2008). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências: as questões dos professores* (5ªEd.). Lisboa, Editorial Presença.
- Rufino, L., & Souza Neto (2016). Novos modelos curriculares para a Educação Física brasileira: resenha do livro “*Instructional Models for Physical Education – 3ª Edição*”. *Motrivivência*, 28(47), 290-304.
- Santos, F., Batista, P., Sousa, T., Gomes, J., & Cunha, M. (2013). Perceções dos estudantes-estagiários acerca do processo formativo vivenciado em estágio e seu contributo para a profissão. In *Olhares sobre o Estágio Profissional em Educação Física* (pp. 193–205).